

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA – ETDUFPA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

GABS ALMEIDA RIBEIRO

**DO TEATRO DO OPRIMIDO À TEATRA DA OPRIMIDA: UM CONVITE À
NOÇÃO DA PERICULOSIDADE.**

BELÉM
2023

GABS ALMEIDA RIBEIRO

**DO TEATRO DO OPRIMIDO À TEATRA DA OPRIMIDA: UM CONVITE À
NOÇÃO DA PERICULOSIDADE.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de LICENCIATURA
EM TEATRO da Universidade Federal do
Pará (UFPA), como requisito para obtenção
do título de LICENCIADA EM TEATRO.

Orientadora: Prof^a Dr^a Inês Antonia Santos Ribeiro.

BELÉM

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

R484t Ribeiro, Gabs Almeida
Do teatro do oprimido à teatral da oprimida: um convite à noção da periculosidade / Gabs Almeida Ribeiro. 2023.
29 f.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Inês Antônia Santos Ribeiro.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura em Teatro, Belém, 2023.
1. Teatro do Oprimido. 2. Teatro – Aspectos políticos. 3. Teatro e sociedade. 5. Título.

CDD - 23. ed. 792.01

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO



ATA DE AFERIÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 30 dias do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e três, às dezoito horas e trinta minutos, reuniu-se na sala 13 da Escola de Teatro e Dança da UFPA, a Banca Examinadora composta pelas docentes: Prof^a. Dra. Inês Antonia Santos Ribeiro (Orientadora e Presidente de Banca), Prof.^a Sol Sousa Estevam (Avaliadora Interna) e Isabella Valentina Conceição Barros (Avaliadora) para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria da discente **GABS ALMEIDA RIBEIRO**, matrícula nº 201711240004, intitulado: "Do Teatro do Oprimido à Teatra da Oprimida: um convite à noção da periculosidade".

Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi APROVADO com conceito EXCELENTE, feitas as seguintes observações: indicação para publicação e, após constar, foi lavrada a presente ata que, depois de lida e aprovada, será assinada pela presidente e pelos demais membros da banca examinadora.

Belém, 30 de novembro de 2023.

Prof.^a. Dra. Inês Antonia Santos Ribeiro
(Orientadora e Presidente de Banca)

Isabella Valentina Conceição Barros
(Avaliadora)

Prof.^a Sol Sousa Estevam
(Avaliadora)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à todas as mulheres trans e travestis, que vieram antes de mim, onde muitas foram cruelmente assassinadas neste Brasil tão violento, mas que ainda assim, puderem pavimentar um caminho no qual permitisse eu chegar aonde estou hoje. Que ainda possamos ir muito mais além.

Agradeço à Alexandra Simone Santos de Almeida, que sempre me apoiou e me incentivou em todos os meus momentos e escolhas, sem você, jamais conseguiria chegar aonde cheguei. Toda a minha gratidão a você, que é esta pessoa excepcional que eu amarei para sempre, mãe.

Muita gratidão à Inês Ribeiro, minha professora e orientadora, que confiou em mim e na minha pesquisa, que teve todo o carinho, sensibilidade, seriedade e amor comigo, não somente na orientação deste trabalho, mas também, em toda nossa trajetória de aluna e professora, me empoderando sempre com todo o conhecimento que trocamos juntas. Obrigada também pelo presente maravilhoso, que foi o livro Pedagogias das Travestilidades, que embasou parte deste trabalho.

Adriana Cruz, professora, agradeço por me ensinar a ensinar com amorosidade, e por ser essa professora-artista que tanto me inspira, você reviveu minha paixão pelo ensino.

Professora Cláudia Gomes, obrigada por me incentivar a acreditar na sensibilidade, na roda, na conversa e na escuta, como importantes metodologias de ensino.

Grata, a você professora Sol Sousa Estevam, que trouxe até mim o material que acendeu a chama para iniciar nessa pesquisa.

Ao CALT (Centro Acadêmico de Licenciatura em Teatro), que tem como presidente o discente Albert Aguiar, que me convidou a trazer para os discentes, do curso de Licenciatura em Teatro, a minha defesa de TCC em forma de Ato Político. Gratidão por todo o apoio neste dia.

Thalia Fonseca, minha amiga, por me apoiar desde o início da minha transição de gênero, além de ter estado ao meu lado me apoiando nos momentos mais difíceis da minha trajetória acadêmica.

À Brenda Pantoja, amiga, que me orienta, e sempre está ao meu lado, obrigada por ter sido meu apoio, seja neste processo, ou em muitos outros. Que venham mais e mais anos dessa parceria.

À minha banca avaliadora, composta pelas professoras Isabella Valentina Conceição Barros e Sol Sousa Estevam, muito grata pela dedicação do tempo de vocês, mas principalmente, por trazerem críticas construtivas importantíssimas e enriquecedoras. Vocês ficam para a história da ETDUFPA como a primeira banca avaliadora de TCC TRANS/TRAVESTI.

E por fim, agradeço à todas as pessoas que estavam presentes na minha defesa de TCC, que se manifestaram através de um abaixo assinado, em busca de uma verdadeira inclusão de autores e autoras trans e travestis dentro da ETDUFPA, e a todos os leitores que aqui se encontram e colaborarão para a continuidade desse movimento Transfeminista.

Do Teatro do Oprimido à Teatra da Oprimida: um convite à noção da periculosidade.

Gabs Almeida Ribeiro¹

Inês Antonia Santos Ribeiro²

Resumo

Este artigo intitulado de “Do Teatro do Oprimido à Teatra da Oprimida: um convite à noção da periculosidade” faz um especial questionamento e traz minhas inquietações das minhas experiências acadêmica no curso de Licenciatura Plena em Teatro na Escola de Teatro e Dança da UFPA, onde busco uma reflexão, principalmente, a partir de experiências e estudos do campo teórico da Estética do Oprimido (BOAL, 2009), a obra “Teatra Da Oprimida” (LEAL, 2019) e das “Pedagogias das Travestilidades” (PASSOS, 2022), que visam questionar a ausência das transgeneridades como referencial teórico no curso. Finalizo com a proposta de um ato político, que visa provocar uma reflexão sobre o potencial transgressor do campo teórico que discute e aprofunda, e ao mesmo tempo faz resistências e luta de trans/travestis como sujeitas de direitos.

Palavras-Chaves: Estética do Oprimido. Pedagogias das Travestilidades. Teatrão da Oprimida.

¹ Artista, graduanda do Curso de Licenciatura em Teatro, Escola de Teatro e Dança, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará.

² Professora/Artista. Possui graduação pela Universidade do Estado do Pará (1995), especialização em Educação, Cultura e Organização Social pela UFPA, mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2009). Doutorado em Artes pela Escola de Belas Artes da UFMG. Professora da Escola de Teatro e Dança da UFPA do Curso de Licenciatura em Teatro. Coordenadora do Projeto de Pesquisa Preamar Teatral: arte, educação e cidadania nas escolas de rios e florestas. Coordena Projeto de Extensão Memorial da Infância na Amazônia-EMAÚS e Coordenadora Geral do Programa Auto do Círio/ UFPA.

Abstract

This article entitled “From the Theater of the Oppressed to the Theater of the Oppressed: an invitation to the notion of dangerousness” raises a special question and brings my concerns from my academic experiences in the Full Degree course in Theater at the UFPA School of Theater and Dance, where I seek a reflection, based on experiences and studies from the theoretical field of Aesthetics of the Oppressed (BOAL, 2009), the work “Teatra Da Oprimida” (LEAL, 2019) and the “Pedagogies of Travestilities” (PASSOS, 2022), which aim to question the absence of transgenderities as a theoretical reference in the course. I end with the proposal of a political act, which aims to provoke a reflection on the transgressive potential of the theoretical field that discusses and deepens, and at the same time makes resistance and struggles of trans/transvestites as subject to rights.

Keywords: Aesthetics of the Oppressed. Transvestite Pedagogies. Theater of the Oppressed.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

FIGURA 1	Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera em documentário, 2017	11
FIGURA 2	Erika Hilton na Câmara dos Deputados, 2023	11
FIGURA 3	Registro da Performance Caixa Preta, 2018	19
FIGURA 4	A escada na Performance Caixa Preta, 2018	19
FIGURA 5	Eu, como coringa iniciando a cena do Teatro Fórum do Teatro Juvenil, 2023	20
FIGURA 6	Foto dos Cartazes das Crianças, 2023	21
FIGURA 7	Foto Protesto do Teatro Juvenil, 2023	21
FIGURA 8	Foto da Folha do abaixo assinado, 2023	26

SUMÁRIO

PRÓLOGO	7
ATO I.....	10
CENA I - A pesquisa.....	10
CENA II - Experiências Trans/Artistas: Outras Sujeitas/ Outras Trans/Performas.....	15
ATO II.....	20
CENA I - Por mais metodologias das Pedagogias das Travestilidades nas Universidades.....	20
ENTRE AS INQUIETAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS.....	25

PRÓLOGO

No ano de 2018 passei no Enem para cursar o Curso de Licenciatura da ETDUFPA - Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará. Entrei no curso com a perspectiva de que através dos estudos eu poderia ter melhores condições de viver na sociedade, isso porque, nos é posto desde os primeiros anos escolares que um título obtido a partir do curso de uma graduação te possibilita a ter acesso a uma gama maior e melhor de oportunidades profissionais. Esta premissa, inicialmente promissora, sugeria que através da minha formação eu poderia aspirar a ocupações que proporcionam uma remuneração capaz de melhorar minha qualidade de vida. Foi exatamente isso que pensei quando cheguei na Universidade, porém, hoje, o corpo que chegou é totalmente diferente do que aqui escreve esse trabalho, tornando as minhas expectativas não tão otimistas e promissoras como eram antes.

Todes sabemos que nossa época é extremamente violenta e assassina e tem uma barbárie provocada pela ideologia do patriarcado, especialmente direcionada à comunidade LGBTQIAPN+, com ênfase nas mulheres trans e travestis. Pensando nisso, me coloco como parte, como Trans/artista, do movimento pelos direitos principalmente das mulheres Trans/Travestis, estas que historicamente, quase sempre são as primeiras a romperem barreiras, exemplificando por figuras como Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera na linha de frente na Rebelião de Stonewall em 1969, ou agora em 2023, quando temos a deputada federal Erika Hilton como a primeira mulher negra e travesti a ocupar este cargo na história, onde está lutando não só a favor pelos direitos das pessoas trans e travesti no Brasil, mas também contra todo o anacronismo que a bancada de direita extremista representa na câmara dos deputados do Brasil. Inspirada por tais mulheres que eu citei, acredito ser possível romper mais barreiras e contribuir para a escrita de uma nova história. No âmbito teatral, minha proposta é escancarar as situações-limite enfrentadas pela comunidade LGBTQIAPN+, propondo soluções para as profundas desarmonias, invisibilidades, violências e silenciamentos que perpetuam injustiças, com foco especial nas mulheres trans e travestis. A busca não se limita ao reconhecimento, mas almeja alcançar a equidade e justiça máximas, em meio a um cenário que clama por TRANSformações urgentes.

Como bem afirma Linn da Quebrada, na apresentação da Pedagogias das Travestilidades “sigamos “Conquistando territórios teóricos-práticos-epistemológicos, de maneira menos lógica e mais sensível, ou melhor, ou mulher, ou nem isso, travestilizando de sensibilidade às ruas e as universidades, e tudo que há, entre (PASSOS, 2022, p.9).”.

Para Linn da Quebrada in Passos (2022, p.10), “estar no Movimento pelos nossos direitos humanos recusando a pátria *malamada* é estar de pé “porque não deitamos àqueles que se recusam a acreditar no impossível e nos amanhãs que anunciamos. Há tanto tempo.”.

Figura 1 - Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera



FONTE: A Morte e Vida de Marsha P Johnson de David France, 2017.

Figura 2 - Erika Hilton.



FONTE: Câmara dos Deputados, 2023.

Neste sentido, o contexto geral da pesquisa está ligado a algumas reflexões críticas que fiz com base em algumas das minhas experiências com a Estética do Oprimido de Augusto Boal e também como performer em determinadas disciplinas do Curso de Licenciatura em Teatro na Escola de Teatro e Dança da Universidade de Teatro e Dança da UFPA, a partir da vida

que uma Trans/Travesti vive e inflige em uma sociedade patriarcal, além do meu estudo teórico sobre a concepção da “Teatra da Oprimida” de Dodi Leal³.

Neste artigo apresento algumas ideias discutidas no Ensino, na Cena Artística Teatral, na Pesquisa e na Extensão durante meu processo de Formação de professora em Arte/Teatro. Traz questionamentos e inquietações que fiz durante toda a minha trajetória acadêmica no curso de Licenciatura Plena em Teatro na Escola de Teatro e Dança da UFPA, onde busco uma breve e modesta revisão teórica, a partir de experiências com o Estética do Oprimido e o meu encontro com a obra “Teatra da Oprimida: últimas fronteiras cênicas da pré-transição de gênero” organizado pela autora Dodi Leal. Minha principal intenção é questionar a constante, que é a ausência de transgeneridade como referencial teórico no curso de Licenciatura em Teatro da ETDUFPA. Discutir a pedagogia da travestilidade com base nos estudos de Passos (2013), e, apontar as possibilidades de compreender a inclusão de referenciais a partir da perspectiva de visibilizar temas como as das questões de gênero. Meu objetivo com isso é lançar elementos que sirvam como referencial para que professores do Curso Superior de Formação de Professores/as licenciatura em Teatro pensem atualmente a produção de discursos teóricos e acadêmicos. Finalizo com a proposta de uma performance sobre a necessidade de se repensar o potencial transgressor da formação da docência em arte, especificamente no ensino superior, iniciando pela mudança da proposta pedagógica do curso com inclusão de referenciais teóricos que promovam o desaprender e criticar o currículo hegemônico branco/hetero/Cis e reaprender o currículo para um sentido decolonial.

³ Dodi Tavares Borges Leal (São Paulo, 24 de julho de 1984) é uma performer, curadora, crítica, iluminadora teatral, pesquisadora e professora de Artes Cênicas brasileira.

ATO I

CENA I - A pesquisa

O ponto de partida desta pesquisa inicia em 2017 com os estudos sobre o Teatro do Oprimido. O Teatro Invisível⁴ foi a primeira modalidade do Teatro do Oprimido que eu conheci na disciplina “Tópicos Especiais Da Psicologia Para O Teatro E Educação” ministrada pela professora Cláudia Gomes⁵, que me possibilitou estudos iniciais sobre o trabalho do Boal.

A experiência que tive com a minha turma foi realizada dentro de um ônibus lotado, à noite, onde podemos pôr em prática uma discussão sobre a amamentação em público, colocando em pauta o importante debate sobre direito de a mulher amamentar seu filho/a em lugares públicos.

No final da intervenção, tivemos como resultado a comoção de algumas passageiras em favor da mãe que estava amamentando o seu bebê (a própria colega de turma trouxe o seu filho para que realizasse a cena amamentando), os demais passageiros, homens, não se manifestaram em favor da mãe. Inclusive um dos homens tentou silenciar uma das mulheres que se manifestaram à favor do direito da mulher de amamentar o seu próprio filho em público.

Essa foi uma primeira experiência, muito marcante, e essencial para a minha formação como professora, foi bom início introdutório e instigante para tentar entender um pouco do trabalho de Augusto Boal e todas as suas potencialidades criativas e políticas, que lembro com muito carinho e com muita indignação, ao pensar que muitas pessoas passam por isso.

O teatro do invisível logo me possibilitou que eu observasse que no cotidiano das relações sociais na cidade há um silenciamento por meio da violência ao que não está no modelo patriarcal de vida. Também não devemos

⁴ Modalidade que pode ser feita por atores e não atores, acontece em ambientes público, em que alguns casos não é anunciado que é propriamente uma cena teatral.

⁵ Possui graduação em Pedagogia (1992), Especialização em Planejamento do Desenvolvimento em Áreas Amazônicas (1995) e Mestrado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (1998) todos realizados pela Universidade Federal do Pará - UFPA; doutoranda no Departamento de Educação na Universidade de Aveiro (Portugal). Atualmente é professora (Adjunto 4), professora na Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará - ETDUFPA, no curso de Licenciatura em Teatro, ligada ao Instituto de Ciências da Arte - ICA.

deixar de pensar que esta situação limite é um problema que pode não ser exclusivamente das mulheres cis, mas como também de homens trans e pessoas não-binárias, que passam pelos mais variados tipos de violências e até morte para que não saiam da normalidade.

Vale ressaltar que a Estética do Oprimido de Augusto Boal, foi aos poucos se modificando para a “Estética do Oprimido”, visto que conforme Ligiéro (2013) que ao fazer a investigação do trabalho de Augusto Boal, procurando entendê-lo “como uma busca contínua sobre a forma de viver e fazer, aprender e refletir sobre o impacto de um teatro humanista, em uma visão holística, em que os papéis do educador, artista e político estão sempre em processo interativo.”. Para tanto, nos ensaia/prepara para “as contradições enfrentadas dialeticamente e vividas com a consciência de quem busca a cidadania em um mundo que nos transforma cada vez mais em números autômatos em nome da globalização” (LIGIÉRO, 2013, p. 16).

Assim, problematizando a proposta inicial da obra de Boal, ano de 1970, Ligiéro (2013, p. 16) ressalta que:

Podemos entender a obra de Boal como do constante questionamento na busca de verdades. Mas, não para afirmação de certezas revolucionárias, como nos pareceu no primeiro contato com sua obra no final da década de 1970 e começo dos anos de 1990, quando se ocupou em enfrentar abertamente a ditadura militar brasileira [...] seu trabalho apresenta grandes mudanças ao longo dos anos. Seu conceito de “teatro como arma” nos anos de 1970 [...] foi abandonado em nome de propostas mais radicais. Não bastava ao pedagogo do Teatro do Oprimido ser “consciente politicamente”, teria de abarcar a complexidade dos mecanismos da opressão com suas práticas não somente dentro do campo do teatro e da política, mas sobretudo, se envolvendo com outras áreas afins como a das Artes Visuais, da Expressão Corporal, da Filosofia, da Psicologia, da Sociologia e principalmente da Pedagogia, para não somente envolver o espectador com ideias libertárias mas, por meio dos sentidos, criar um processo artístico integral mais complexo e mais libertário que a simples arte a serviço da consciência da luta de classes.

Ligiéro (2013) faz uma introdução a evolução da obra de Boal. Cita que a transformação do Boal em um artista pedagogo iniciam com base nas “técnicas realistas russas”, da “carpintaria dramática inglesa” e se politiza com ao

contato com “grupo jovem teatro de Arena” e que vai amadurecendo “ao se encontrar com as técnicas do teatro épico de Brecht e Piscator, atingindo uma maturidade também como encenador do espetáculo ***Arena conta Zumbi***” (LIGIÉRO, 2013, p. 17, grifo do autor).

Penso que os processos artísticos com base na Estética do Oprimido, dos quais participei, me fizeram sentir alheia, justamente porque as questões LGBTQIAPN+ não estavam contempladas. Ou seja, as questões sobre trans/travesti não estavam em pauta na ação dramática nas experiências que tive, que de alguma forma isto me fazia eu me sentir distante dessas práticas, mesmo que reconhecendo e acreditando que a Estética do Oprimido nos permite analisar situações problemas que oprimem uma coletividade e ensaiar para chegar a possíveis soluções, a Estética do Oprimido de Augusto Boal, me soava como um método do qual eu não me via realmente pertencente e empoderada por ele, como eu via algumas pessoas. Isso logo me leva a pensar que se faz necessário revolucionar todas as formas de fazer teatro, para atingirmos a tão sonhada humanidade.

Mas essa minha relação com a Estética do Oprimido começou a se ampliar com a disciplina “Sociologia do Teatro para a Educação” que foi ministrada pela professora Sol Souza⁶, onde no fim estudamos, criamos e apresentamos juntas com a turma algumas cenas utilizando a Estética do Oprimido de Augusto Boal, onde tive a oportunidade de ser a curinga⁷ do Teatro Fórum⁸. Mas o ponto de virada foi quando a professora me falou que visualizou, no nosso processo de ensaio e criação, que eu tinha uma “veia” muito forte do Teatro do Oprimido. Ao ouvir isso logo de imediato me veio a vontade de discordar, pois, já dito anteriormente, de alguma forma eu nunca me sentia

⁶ Possui graduação em Teatro pela Universidade Federal do Pará (2014). Mestre em Artes, é atualmente professora substituta na ETDUFPA no curso de Licenciatura em Teatro.

⁷ O/A Curinga tem a função de mediar a cena, entre os atores e espectadores, buscando sempre estimular os espectadores a participarem ativamente de todo o processo de debate em busca de solução concreta para o problema da cena.

⁸ “O Teatro-Fórum, no qual o/a espectador/a torna-se o/a agente da proposição de solução para um conflito, até o treinamento de curingas na reaplicação de exercícios, passando por cada um dos jogos. Em todas essas situações é realçada a horizontalidade da plateia e dos/as atores/trizes, empoderando dessa forma aquele/a que recebe e aquele/a que assiste, incluindo-os/as em posições ativas de propagadores/as e introduzindo o conceito de espect-atores/trizes. Assim, é quebrada a linha de comunicação de mão única, onde quem compartilha não está apto/a a ouvir e a quem está recebendo não cabe uma função atuante.” (LEAL, p. 187, 2019).

verdadeiramente contemplada, mas ela continuou e disse que iria me fazer uma recomendação de leitura, e foi assim que chegou até mim o livro “Teatra da Oprimida” de Dodi Leal.

Este momento marca um ponto crucial em minha jornada de formação como professora. Aqui, testemunhei muitas das angústias e questionamentos que permearam toda minha trajetória acadêmica. Em mais de 40 (quarenta) disciplinas, a presença dominante do masculino e do cisgênero no Teatro foi constante. Mesmo com professoras mulheres, estas, ao contrário da maioria dos professores homens, ainda assim trouxeram referências femininas, embora estas referências também fossem cisgêneras.

Ao também ver uma professora travesti como a professora Sol, que inclusive, foi a minha primeira e única professora travesti que tive em toda a minha vida, subvertendo e trazendo a referência de um outro corpo trans para mim, foi algo que levarei como um dos momentos mais importantes para o meu engajamento na pesquisa.

No livro *Teatra da Oprimida* (Leal, 2019):

Notamos aqui uma pontual contribuição desta obra nos estudos de TO enquanto indicação de caminho de revisão de seu repertório e de suas epistemologias. Vide que comumente projetos cisfeministas têm nomeado a luta de gênero em TO de “Teatro das Oprimidas”, mantendo a noção cismasculina da área teatral no título. Apenas a partir do transfeminismo é possível avançar na crítica à cispatriarcalidade do projeto de Boal modificando os parâmetros metodológicos e ideias não apenas para a presença das mulheridades mas, também, das transgeneridades modificando as estruturas da área teatral.

Este estudo me faz perceber a necessidade de um olhar crítico sobre a representatividade e diversidade no ensino teatral “Se queremos desenhar anticolonialmente o futuro por meio do fazer artístico, ele não pode ser regido pela cisnormatividade nem pela branquitude.” (LEAL, 2019, p. 17).

Uma vez que a organização Curricular do Curso de licenciatura da qual me formei, até a atual mudança do Projeto Político Pedagógico de Curso Licenciatura em Teatro/PPC, no ano 2019, não possibilita que componham no acervo da Biblioteca ETDUFPA, a literatura trans/travesti. Mesmo com algumas

disciplinas que foram inseridas no novo PPC abordem o tema, inexistente essa literatura. Isso me leva a ação de uma cobrança em cima da instituição para prover literatura trans/travesti, não somente para atender aos discentes, mas principalmente aos docentes da escola, que ainda estão intrinsecamente amarrados a um repertório dominante hetero, cisgênero, branco, machocêntrico, proveniente do teatro eurocêntrico.

Urge uma formação que aborde as Pedagogias da Transvestilidades que conforme Passos (2022, p. 106) afirmando que,

[...] à luz da Sociologia das Emergências de Boaventura de Sousa Santos, é possível romper com as linhas abissais do fazer educativo afirmando a necessidade de uma pedagogia como fruto de práxis-político-pedagógica do Movimento de Travestis e Mulheres Transexuais no Brasil e gestada através de uma construção democrática realizada por travestis e mulheres transexuais conscientes de suas responsabilidades sociais e políticas” (PASSOS, 2022, p. 106)

CENA II - Experiências Trans/Artistas: Outras Sujeitas/ Outras Trans/Performas

No ano de 2018, no fim do primeiro semestre, realizei na ETDUFPA a performance de minha autoria chamada de “Caixa Preta” como parte do resultado da disciplina “Performance” ministrada pela professora Karine Janssen⁹. Em suma, naquele momento a performance como objetivo vem para criticar o sistema, isso mesmo, CISTema com a letra C de cisgênero, onde eu que naquele momento ainda não havia me identificado como uma travesti, ainda acreditando ser um homem gay, já não me sentia pertencente a este *cistema*, pois este se apresentava quase sempre dominado por homens cis brancos e heteros. E o sistema que me refiro aqui, é principalmente ao sistema do Teatro, que está meramente representado na performance pela caixa preta, onde quase sempre era composto por, mais uma vez, homens cis brancos e heteros como principais autores, dramaturgos, e até mesmo protagonistas de suas próprias histórias. Para isso, na performance eu fiquei deitada no chão ao lado de uma escada, onde as pessoas podiam subir e encontrar logo no topo a caixa preta, estando repleta de impressões em papel com palavras como: homem; macho; homem branco; hetero; dramaturgo; autor; escritor; etc.;. Hoje, revisitando esta performance através de registros, posso afirmar que ela vem como uma anúncio da minha transição de gênero, transição esta, que se iniciou poucos meses depois da execução dessa performance, e o início do meu incômodo com o arcabouço científico, que eu vinha estudando nas disciplinas do curso de Licenciatura em Teatro.

⁹ Professora Titular da cadeira Criação de Espetáculos da Escola de Teatro e Dança do Instituto de Ciências das Artes da Universidade Federal do Pará. Possui Especialização pela Universidade de São Paulo (1992), graduação em Direito pela Universidade Federal do Pará (1989), mestrado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (2004) e doutorado em Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (2008).

FIGURA 3 - Performance Caixa Preta



FONTE: Acervo Pessoal (2018)

FIGURA 4 - A escada na Performance Caixa Preta



FONTE: Acervo Pessoal (2018)

Ao aprofundar meus conhecimentos e práticas na Estética do Oprimido de Augusto Boal durante a disciplina de "Métodos, Técnicas e Materiais do Ensino do Teatro", no Projeto de Pesquisa Preamar Teatral¹⁰ e na oficina de Teatro Juvenil¹¹ na ETDUFPA, trabalhei nestes em colaboração com a

¹⁰ O Projeto Preamar Teatral é um projeto de Pesquisa da Universidade Federal do Pará - UFPA

¹¹ Oficina que faz parte do Núcleo Pedagógico Artístico coordenado pela Professora Msc. Marluce Oliveira.

professora Inês Ribeiro. Destaco aqui a experiência com os adolescentes do Teatro Juvenil e a turma de crianças da oficina Teatro Infantil¹². Juntos, desenvolveram um protesto e apresentaram cenas de Teatro Fórum, pensadas a partir de situações problemas, abordando a temática da violência infantojuvenil. O Teatro Fórum foi apresentado no pátio da ETDUFPA com a presença dos familiares e de funcionários e discentes. Após a manifestação e apresentação das cenas, na qual eu que estava como coringa junto com a professora Inês, perguntamos ao público qual das duas cenas eles queriam buscar uma solução para a opressão posta ali. Provocamos o público a escolher uma das cenas para a buscar a solução, dentre elas tínhamos a que retratava o ataque a creche em Blumenau¹³, e a o que o público escolheu, que foi a cena da adolescente que sofria assédio sexual na sua casa pela parte do tio. Nessa experiência eu pude notar o verdadeiro poder político de mudança que o Teatro, a partir da Estética do Oprimido, pode gerar na vida das pessoas, isso porque, ao ver as sugestões de soluções buscadas pelas/os *expectatora/es* que levavam a/o oprimida/o a se libertar verdadeiramente das opressões que ali viviam, me faz realmente acreditar na Estética do Oprimido.

FIGURA 5 - Eu, iniciando a cena do TF do Teatro Juvenil



FONTE: Acervo Pessoal (2023)

¹² Oficina também faz parte do Núcleo Pedagógico Artístico.

¹³ Em abril de 2023 uma creche em Blumenau foi alvo de um ataque, no Vale do Itajaí, em Santa Catarina. Onde quatro crianças foram mortas e cinco ficaram feridas.

FIGURA 6 - Cartazes das Crianças



FONTE: Acervo Pessoal (2023)

Figura 7 - Protesto do Teatro Juvenil



Fonte: Acervo Pessoal (2023)

Tenciono então, uma proposta que farei aos presentes na minha defesa desse Trabalho de Conclusão de Curso, através de um abaixo assinado, sugestões de literaturas e autores trans, farei um perigoso convite à mudança, um convite da inclusão da transição de gênero das estruturas dos saberes, um

convite a literatura trans, não somente a Dodi Leal e o seu livro *Teatra da Oprimida*, mas também, um convite à mudança do repertório dominante que muitas vezes é encarado como único referencial teórico para determinada área de saber. Inspirada no convite que recebi da profa. Sol Souza quando a mesma me trouxe a *Teatra da Oprimida*, transformarei este o meu ato político.

ATO II

CENA I - Por mais metodologias das Pedagogias das Travestilidades nas Universidades

Iniciarei a minha performance, na minha defesa de TCC, convidando o público a pegar folhas de papel, que terão vários trechos do livro “Teatra da Oprimida” organizado pela Dodi Leal, do artigo “Teatra” também da autora Dodi Leal e do vídeo “Dodi Leal e a Teatra da Oprimida”¹⁴ do canal do youtube “Errante”. Estes trechos estão todos embaralhados de forma aleatória, e conduzirei os que se propuserem a ir, para ler da mesma forma.

A performance será realizada, simbolicamente, na frente da biblioteca da ETDUFPA, como uma forma de mostrar onde naquele momento se encontram esse tipo de literatura que aqui proponho, que é justamente fora de espaços oficiais como uma biblioteca acadêmica, da qual toda a comunidade, seja interna ou externa tem acesso. Esta literatura é necessária para uma Pedagogia Trans/Travesti como parte do acervo da Biblioteca, para termos o acesso dentro da Biblioteca da ETDUFPA e nos Projetos Políticos Pedagógicos de todos os Cursos da ETDUFPA, assim como principalmente o de formação inicial de professor - Curso de Licenciatura em Teatro.

Estes serão o trechos, que disponibilizarei para iniciar o meu ato político: *“A Teatra vem de uma inquietação, já de longo tempo, a respeito do que a gente aprende, do que a gente ensina, do que a gente tenciona como material” (LEAL em Errante, 2020); “(...) não basta a inclusão de nós mulheres, ou de pessoas trans na produção teatral, é preciso revisar todo material.” (LEAL em Errante, 2020); “O mercado entende bem ainda com retardos que a inclusão gera lucro, a diversidade é o pink money do momento, ainda hoje, mesmo com o discurso consevador, a gente vê eclosões de pink money, e isso acaba sendo possível porque o repertório dominante não é modificado.” (LEAL em Errante, 2020); “A Teatra ela é um projeto que vem para revisar o conteúdo do material hegemônico que é do Teatro, procurando questionar este material já feito, vendo se é possível adaptá-lo, transiciona-lo, piriga-lo, ou, e também, criar novos materiais, criar novos conceitos, novos espaços, novas formas, que a gente ainda não conhece,*

¹⁴ Disponível em< <https://www.youtube.com/watch?v=WL7JWZTxr3M>> Acesso em 16/11/2023

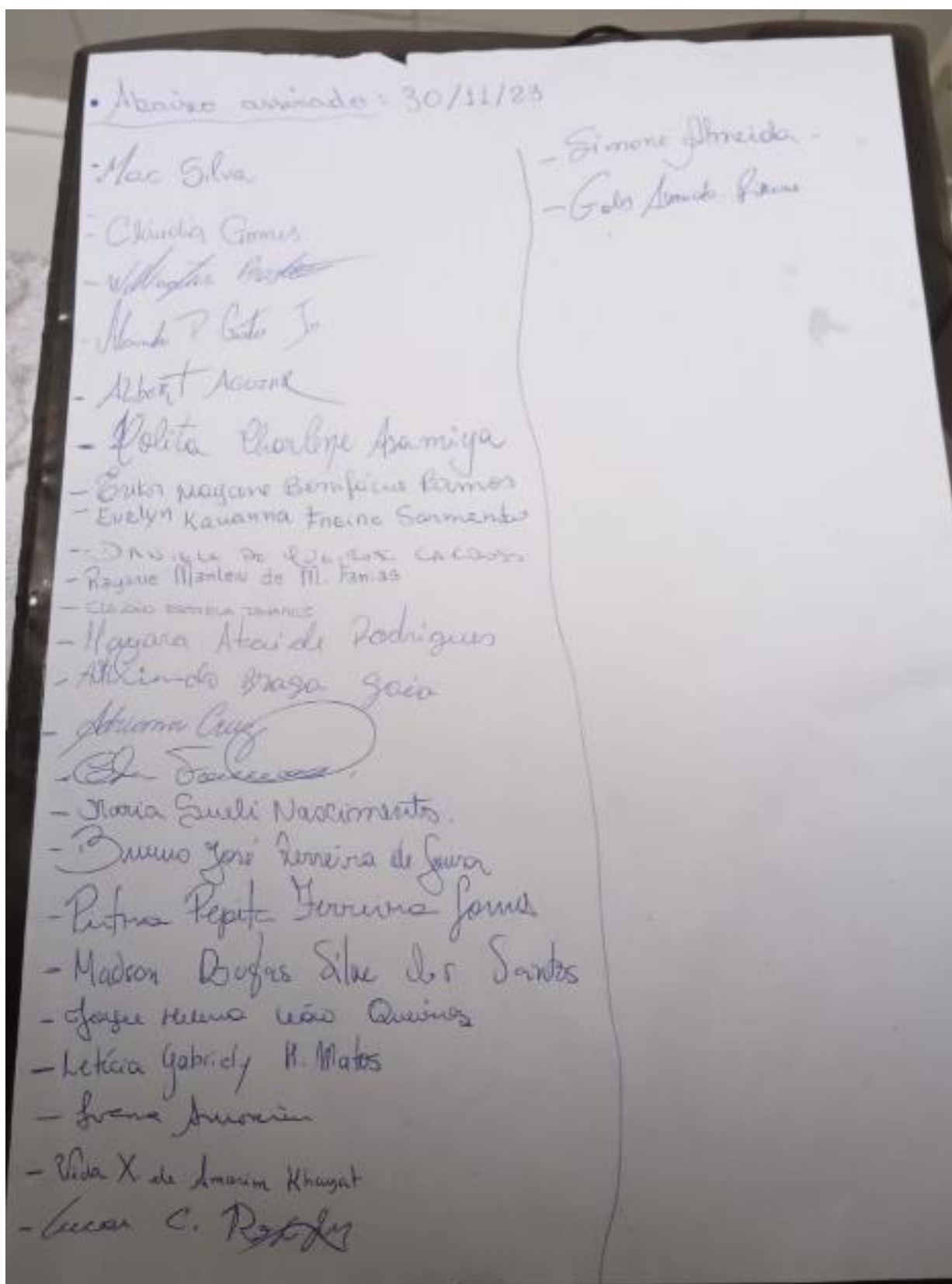
já que toda base da nossa sociedade é cis patriarcal, então, o repertório a ser inventado da Teatra, não é de forma alguma previsível.” revisão de um projeto já consolidado milenarmente, mas ela é grandiosa, no sentido da sua necessidade, já que o teatrO está falido, já não conseguiu da conta do seu próprio material, ele já está caduco”. (LEAL em Errante, 2020)

Após a leitura dos trechos acima, eu finalizarei com o seguinte texto: “(...)quando a diferença indaga a arte-educação, ela traz uma periculosidade para as normas de controle que estão estabelecidas e é por isso que é incompatível uma ideia de “diversidade” institucionalizada que acaba anestesiando as lutas ou os movimentos tectônicos sociais. Por que que eu estou trazendo a crítica à noção de “diversidade”? Ela está esvaziada de sentido, assim como a noção de unidade. A diversidade e a unidade, elas estão ligadas a um ideário neoliberal de conceitos de individual e de coletivo. Porque diversidade é uma moeda de troca, que cai bem aos olhos de um discurso esvaziado de sentido a ideia de que há uma certa pluralidade nos contextos institucionais; e aí a gente não está falando somente da arte-educação, mas sim de valores neoliberais que acabam baseando paradigmas da arte-educação com esse conceito de diversidade. Isso nada mais é, na verdade, que um discurso esvaziado, uma tentativa de demonstrar uma moeda. De ter uma moeda de troca, que a gente chama nos movimentos sociais de Pink money, Black money ou Red money. Referimos aí exatamente que algumas instituições, sejam elas públicas ou privadas, vão querer manter um discurso de diversidade para de alguma forma anestésiar a demanda da mudança social, destas placas tectônicas e até mesmo do perigo que a diferença indaga na arte-educação. É anestésiar o perigo, é ganhar, é monetizar a partir do perigo. Então, no caso de pessoas trans, a gente vê essa nossa periculosidade sendo comprada por preços muito baratos, quando somos as únicas que estamos nos contextos, nas instituições, nos cursos de pós-graduação e graduação em artes, arte-educação, na prática, nas escolas e na prática artística quando somos a única pessoa trans de um coletivo, a gente vê uma configuração que é a travesti de estimação, onde apenas uma pessoa trans é usada para justificar que o projeto, que o coletivo, que o edital ou que a universidade em questão, que a escola em questão está cumprindo seu papel de diversidade. Quando na verdade as normas são as

mesmas e estrutura social continua sendo de dominação cisnormativa, muitas vezes brancocêntrica em um país racista como esse em que a gente vive, elitista, magrocêntrica, adultocêntrico, capacitista etc. Isso para não falar também, nordestofóbico, regionalista. A gente vive um país muito desigual. Todo este contexto nos leva a pensar o que é efetivamente a diferença e como ela pode contribuir para a mudança social.” (LEAL, 2021, p. 30);

O ato político, realizado no dia 30 de novembro de 2023, como parte da minha defesa do meu TCC, teve apoio do CALT (Centro Acadêmico de Licenciatura em Teatro), no qual o CALT fez o convite para incluir o meu ato como parte da Assembleia Estudantil, onde obtivemos, na data em questão, 26 assinaturas para a inclusão de literaturas trans e travestis na biblioteca e nas referências das disciplinas do curso, dentre as assinaturas havia nomes de discentes, docentes e da comunidade externa. Deixei sugerido as obras e autoras trans que trabalhei aqui, Dodi Leal que foi a organizadora do livro “Teatra da Oprimida: últimas fronteiras cênicas da pré-transição de gênero” e Maria Clara Araújo dos Passos com o livro “Pedagogias das Travestilidades”, porém, esta lista ela não está fechada, ou seja, está em aberto para que este movimento contenha muitas outras mais referências teóricas da literatura trans/travesti. É de suma importância que isso se faça realidade dentro da ETDUFPA.

FIGURA 8 – Folha do abaixo assinado.



FONTE: Acervo Pessoal.

ENTRE AS INQUIETAÇÕES FINAIS

A reflexão da minha história como professora trans/travesti deve ser compensada por uma história de uma luta otimista e cheia de esperança, reconhecendo também o perigo. “Nós, pessoas trans, que somos uma das diferenças de Sistema social, cis inclusive destacado com c, de cisgeneridade, de cisnormativo; nós somos perigosas a esse sistema e, ao mesmo tempo, passamos por perigo; vide a expectativa de vida de pessoas trans no Brasil pré-Bolsonaro que era de 35 anos.” (LEAL, 2021, p. 30).

Por todas as que vieram antes de mim e as que morreram, e pelas trans/travestis vivas e na luta, irmos para a luta é criar meios necessários para garantirmos mais direitos, pois o que era sonho tem ainda uma longínqua possibilidade de ser real. Se as possibilidades existem, eu entro com a arte da teatral para fortalecer a luta e me tornar mais esperançosa e mais consciente de toda a periculosidade que um corpo dissidente como o meu já causa no sistema, tendo a real consciência da urgente demanda social para os corpos como o meu.

REFERÊNCIAS

LEAL, Dodi (org.). **Teatra da Oprimida: últimas fronteiras cênicas da pré-transição de gênero**. Porto Seguro: UFSB, 2019.

LEAL, Dodi T. B. **Teatra. Pitágoras 500**, Campinas, SP, v. 11, n. 2, p. 28–35, 2021. DOI: 10.20396/pita.v11i2.8667185. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/pit500/article/view/8667185>. Acesso em: 15 nov. 2023.

LIGIÉRO . Zeca (et alii). **Augusto Boal: arte, pedagogia e política**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

PASSOS. Maria Clara Araújo dos. **Pedagogias das travestilidades**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2022.

A MORTE e Vida de Marsha P. Johnson. Direção de David France. Estados Unidos: Netflix, 2017 (1h 45min).

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Erika Hilton**, 2023. Página inicial. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/deputados/220645>> Acesso em: 10 de nov. de 2023.

ERRANTE. **DODI LEAL e a TEATRA DA OPRIMIDA**. 9 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WL7JWZTxr3M>>. Acesso em: 15 de novembro de 2023.